

# #60 Iluminação da Sabedoria Primordial 5

– RI 2020

Lama Padma Samten

Bacupari 22/08 a 30/08

Revisão: Mônica Kaseker 18/11/2024

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #60

*Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.*

*Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email [repositorio.transcricoes@gmail.com](mailto:repositorio.transcricoes@gmail.com).*

Tabela de conteúdos

---

- Iluminação da Sabedoria Primordial (continuação)
- Texto-Comentário de Dudjom Rinpoche (continuação)
  - 2. A Parte Principal, Gerando a Sabedoria Vipassana
    - 1. Reconhecer a Visão
      - 1. Reconhecer a natureza dos objetos percebidos como externos
      - 2. Clarificar a Natureza da Mente Percebedora Interna
      - 3. Reconhecer a Visão Proveniente do Estado Natural

Iluminação da Sabedoria Primordial (continuação)

Texto-Comentário de Dudjom Rinpoche (continuação)

---

## A Parte Principal, Gerando a Sabedoria Vipassana

---

Essa segunda parte é a parte principal. Gerando a sabedoria Vipassana. Essa parte principal tem, por sua vez, quatro subdivisões, quatro partes menores. Essas partes estão descritas deste modo: primeiro reconhecer a visão; trazer a visão ao coração através da meditação; sustentar sua continuidade em meio a ação; e a quarta parte é como a fruição natural da visão é atingida.

A primeira delas é a parte crucial, porque é reconhecer a visão. A segunda é como meditar, mantendo essa visão. Essas duas são cruciais. Uma vez que nós temos a visão e conseguimos contemplar em várias direções com a visão, ou seja, nós meditamos mantendo a visão, o desafio seguinte é não perder esta continuidade enquanto nós nos movemos, ou contemplamos, ou nos deslocamos. E o quarto é como essa naturalidade é atingida.

### 1. Reconhecer a Visão

---

Nós vamos começar agora o primeiro ponto, que é reconhecer a visão. Nós temos uma primeira parte que é Shamata, que já olhamos, e temos uma segunda parte, que é Vipassana. Em Vipassana, nós temos quatro subdivisões que são: a visão, a meditação, ação em meio ao mundo, e fruição. Agora nós vamos olhar a primeira destas partes, que é reconhecer a visão. Este reconhecimento da visão, por sua vez, tem três divisões. A primeira é reconhecer a natureza dos

objetos percebidos como externos. A segunda é reconhecer a natureza da mente interna que percebe. A terceira é reconhecer a visão que provém do estado natural. Nós começamos com observação dos objetos externos, depois observamos a mente que vê os objetos e depois reconhecemos a visão que vem desse lugar sem condicionantes, que é o ponto central.

## 1. Reconhecer a natureza dos objetos percebidos como externos

---

Primeiro, reconhecer a natureza dos objetos percebidos como externos. O texto raiz diz:

*Maras, forças obstrutoras, demônios quebradores de Samaya, Gyalpo, Gonpo, e outros, todos são meramente aparências surgidas da mente. Apontados como coisas que denominamos obstáculos, demônios ou forças obstrutoras, tudo que for aparente, incluindo nós mesmos e os outros.*

Aqui, eu acho interessante este ponto, porque não é muito fácil nós atravessarmos isso. Mas ele vai nos colocar assim: nós estamos em Shamata e aí, enquanto nós nos movemos, aparecem múltiplas manifestações. Nessas manifestações nós somos o pastor. Isso pode parecer formação de pastores [risos]. As coisas apontadas como coisas que denominamos obstáculos, demônios [risos], forças obstrutoras. Os pastores têm que saber onde estão os demônios [risos]. Isto aqui é uma boa instrução [risos]. Onde é que estão os demônios, as forças demoníacas obstrutoras? Tudo que for aparente, incluindo nós mesmos e os outros, ou seja, isto o pastor olhando para si mesmo [risos].

*O ambiente externo e os seres dentro dele, ainda que pareçam sólidos e reais, em realidade, nada mais são do que percepções delusivas de nossas próprias mentes.*

É super importante que os pastores enquanto estiverem praticando [risos] vejam que os demônios nada mais são do que percepções delusivas das próprias mentes, incluindo aí a própria visão da pessoa sobre si mesma. De modo geral não temos esta percepção. Com respeito aos demônios tudo bem. Mas com respeito a si mesmo, a pessoa diz: "bom, eu sou eu", "o que mais seria eu que não eu mesmo? E se eu estou aqui é porque eu estou aqui". Mas ali nós vamos aparecer também.

*...ainda que pareçam sólidos e reais, em realidade nada mais são do que percepções delusivas de nossas próprias mentes.*

Eu acho que isso aqui, conseguimos entender porque passamos pelos oito pontos do Prajnaparamita, olhamos o Sutra do Diamante, olhamos aquilo tudo. Nem o Buda, se você encontrar o Buda, não é. Se você encontrar o Bodisatva Mahasatva, nada daquilo você pode colocar essa solidez. É importante que se tenha olhado tudo isso, caso contrário nós não vamos entender o que ele está dizendo aqui.

*...ainda que pareçam sólidos e reais, em realidade, nada mais são do que percepções delusivas de nossas próprias mentes. Eles aparecem, sim, mas ainda que pareçam reais, não são. Reconhecendo-os, assim, como a manifestação mágica ou aparências de sonhos que não existem, mas ainda sim aparecem, deveríamos vê-los como insubstanciais e irreais.*

Aqui ele está descrevendo Tathata, que é esta realização em que nós estamos além de atração, aversão ou rejeição. Nós estamos livres disso. Porque ainda que aquilo apareça eu vejo como uma manifestação mágica, eu não preciso ficar preso aquilo, eu estou vendo o que é aquilo. A compreensão da vacuidade que não elimina a aparência, esta é a prática de Tathata. Aparência e vacuidade são inseparáveis.

*...ainda assim, nós deveríamos vê-los como insubstanciais e irreais. Além do mais, em lugar de serem meros nomes, eles estão além de quaisquer ideias conceituais que possamos ter sobre eles enquanto serem por natureza existentes ou não existentes. Ainda assim, ao final, não deveríamos vê-los como ilusórios no sentido concreto.*

Ou seja, seria dizer “bom, aquilo, não tem nada ali”. A todas as categorias, como nós já vimos extensamente, se aplica “isso é, isso não é, isso é”. Ou seja, eles surgem de modo não dual conosco. De modo semelhante, nós reconhecemos, portanto, que todas as aparências são a sabedoria primordial, na qual, sem nenhuma exceção ou condição, tudo é experimentado como ilusório.

Esse é um ponto superinteressante. Porque, aqui ele vai dizer de modo semelhante nós reconhecemos, portanto, que todas as aparências são a sabedoria primordial. Isto é um super salto lá adiante. Precisaríamos entender como tudo que nós olhamos é a mente olhando a mente. Se nós conseguimos ver, seja o que for, isto é Rigpa olhando as construções que a própria mente fez. Assim, quando nós vemos a sala aqui, é Rigpa olhando a sala. Ela não vê no aspecto externo a sala. Ela reconhece internamente a sala. E a sala surge como se fosse externa. Mas este fenômeno da sala é um fenômeno não dual, surge a partir da originação dependente com as aparências. Mas aquilo não vem do olho, vem dessa profundidade do surgimento luminoso das aparências. O olho mesmo é Rigpa. É o olho do olho. É o olho de cada um dos sentidos físicos que tiver operando. É quando a mente olha a mente. A mente luminosa produz aparência, e a mente vê as aparências produzidas. E isso é Rigpa. Agora, Rigpa é a manifestação da sabedoria primordial. E nós reconhecemos que todas as aparências surgem diretamente de Rigpa.

*E, portanto, tudo, sem nenhuma exceção ou condição, tudo que aparece como dual, sem nenhuma exceção ou condição, incluindo a nós mesmos, é experimentado como ilusório.*

Como que a pessoa pode dizer: “bom, eu sou ilusório”. Isso não é num sentido concreto, este aspecto ilusório, mas é no sentido de que nós nos construímos, nós somos identidades luminosas de vários tipos. Nós não somos externos, que podem ser vistos. Nós somos identidades que a própria mente constrói. Neste sentido ela é ilusória. Ela é delusiva. Ela surge como uma manifestação da mente. Por exemplo, qualquer praticante que seja suficientemente sério, ele vai se imaginar uma fraude, no sentido de que ele é uma identidade construída, essencialmente isso. Nós vamos, na verdade, ultrapassar todas as identidades construídas, incluindo as identidades de praticante. Nós não temos uma defesa propriamente frente ao fato de que nós somos identidades construídas. É nesse sentido que nós vamos olhar todos os aspectos como ilusórios e, ao mesmo tempo, nós não rejeitamos, e não retiramos o aspecto operativo destas manifestações luminosas. Este é o primeiro passo: determinar a natureza dos objetos percebidos como externos.

## **2. Clarificar a Natureza da Mente Percebedora Interna**

---

Agora vem o segundo item, que é determinar a natureza da mente interna, aquela que percebe.

*Na mente, nada há para identificar, nem características.*

Ou seja, nós olhamos para dentro, e ele vai dizer: “perceba a mente sem características, perceba a mente livre das construções”. Se nós vamos olhando mais e mais para dentro, tudo o que nós vamos encontrando, que se possa localizar o seu surgimento e as causas deste surgimento, nos permite avançar para o agente que produz aquela causa, aquele surgimento. Aí nós vamos mergulhando dentro disto, nós vamos indo até o ponto onde nós encontramos a ausência de qualquer condicionante. Naquele ponto, Rigpa, ou seja, a própria mente, vê a mente livre. Não há características, não há construções. Este é o texto raiz. Agora ele vai explicar como que nós praticamos isto. *Nós estamos voltados a olhar para dentro, localizar esta mente lúcida interna*

*Com respeito ao corpo, o ponto crucial é aplicar a postura de sete pontos de Vairocana. Com respeito à fala, o ponto crucial é deixar a mente estabelecer-se naturalmente. Com respeito à mente, o ponto crucial é não deixá-la muito rígida nem muito frouxa. Mas buscar repousa-lá diretamente, sem tentar fazer algo com ela, em uma experiência de lucidez fresca e não condicionada.*

Isso corresponderia a Shamata. Agora, estando em Shamata, ele vai apontar a mente percebadora interna, a mente lúcida.

*Trazendo sua atenção para dentro, olhe diretamente para a própria face de sua mente.*

Olhando para dentro, olhe a própria mente.

*Quando você olha assim, você experimenta um estado que está além de qualquer dualidade.*

Porque você não está olhando um objeto externo, você está olhando a mente. É a mente olhando a mente. Ela é não dual. A mente é não dual com a mente.

*Você experimenta algo além de qualquer separação entre quem olha e o que está sendo olhado, entre aquele que experimenta e o que é experimentado, entre sujeito e objeto.*

Eu acho esta descrição é super preciosa e rara também.

*Em lugar de sujeito e objeto, você experimenta um estado auto cognoscente de abertura sem objeto, além de qualquer elaboração conceitual. Simplesmente repouse direta e suavemente nesta experiência mesma, sem perdê-la por tentar alterá-la ou modificá-la do modo que for. Assim é como meditam aqueles de maior capacidade, estabelecendo-se na lucidez universal de Rigpa.*

Vou voltar a este ponto, mas queria introduzir uma instrução de Dudjom Rimpoche que nos ajuda a entender melhor este ponto. Ele diz:

*Quando a mente está repousando naturalmente à vontade em seu próprio estado inalterado, isso é chamado de quietude meditativa. Se a partir deste estado de quietude surgir um pensamento, isto é chamado de movimento. E aquilo que sabe quando a mente está em quietude...*

Quando a mente está em quietude eu só posso dizer que ela está em quietude porque algo vê a mente em quietude.

Por exemplo, Guru Rinpoche diz:

*trazendo sua atenção para dentro, olhe diretamente a própria face de sua mente. Se ela estiver em quietude...*

Que é o que ele está dizendo

*você diz: ela está em quietude.*

Existe a possibilidade de olhar para dentro e ver a própria mente.

*Quando você olha assim, você experimenta uma condição que está além de qualquer dualidade*

Isso é o que ele vai chamar de Rigpa. Que é a capacidade da mente ver o que é que está acontecendo com ela.

*Quando a mente está repousando, naturalmente, à vontade em seu próprio estado inalterado, isso é chamado de quietude meditativa. Se a partir deste estado de quietude surge um pensamento, isso é chamado de movimento, e aquilo que sabe quando a mente está em quietude e reconhece qualquer movimento é a consciência ou Rigpa.*

Ou seja, é o aspecto lúcido não dual com a própria mente que vê a própria mente. Aqui Dudjom Rimpoche vai descrever:

*Estes são conhecidos coletivamente como os três estados de quietude, movimento e consciência.*

Voltando aquela parte do texto principal.

*Trazendo sua atenção para dentro, olhe diretamente para a face de sua própria mente. Quando você olha assim, você experimenta um estado que está além de qualquer dualidade. Além de qualquer separação entre quem olha e algo que está sendo olhado. Entre aquele que experimenta e o que é experimentado. Entre sujeito e objeto. Quando você olha assim, você experimenta um estado auto cognoscente, de abertura sem objeto. Além de qualquer elaboração conceitual. Simplesmente repouse direta e suavemente nesta experiência mesma, sem perdê-la por tentar obter algum resultado, ou tentar alterá-la ou modificá-la do modo que for.*

É um estado auto cognoscente de consciência da mente. Isso é Rigpa.

*Assim é como meditam aqueles de maior capacidade, estabelecendo-se na proximidade da lucidez universal de Rigpa.*

Eu acho que deveríamos guardar isso com cuidado. Ele vai explicar condições. [Do tipo] se não conseguimos isto o que fariamos. Mas eu acho que deveríamos tentar este aspecto direto porque já passamos por muitos outros pontos, já olhamos os oito pontos do Prajnaparamita, já olhamos Satipatthana, olhamos estas várias partes. Acho que podemos tentar a ir ali direto, sem precisar o processo analítico, que é, então, o que ele vai introduzir agora. Essa parte analítica, ainda que eu ache, assim, um ensinamento maravilhoso, se pudermos pular, se pudermos realizar aquilo que ele descreveu, antes, é melhor, porque daí podemos pular isso.

Então ele diz:

*...ainda assim, para a maioria das pessoas cujas mentes são perturbadas por ondas agitadas de pensamento...*

Que não é o nosso caso aqui

*isso é difícil de reconhecer. Portanto, estas pessoas deveriam procurar pela mente usando o caminho de Rigpa e apenas Rigpa. Isto significa que tão pronto um lapso ou tremor de pensamento surja, você olharia diretamente sobre ele perguntando: de onde ele veio? Onde está agora? Onde ele cessa o final? Você pode também perguntar: quem atinge a iluminação? Quem vagueia no Samsara? Quem cria felicidade e sofrimento? Se você pensar que isto é a mente...*

De modo geral estamos operando de modo dual, então quando a pessoa começa a conceitualizar: "bom isso é a mente", temos que purificar esta noção. Aí vêm estas perguntas que Dudjom Rimpoche propõe.

*Ela tem começo? ou fim? ou meio? A mente é real? ou Irreal? Se ela é real, tangível, qual sua forma e cor? Se pensar que é irreal, então pergunte a você mesmo. Ela é uma ausência completa? Ou a que se assemelha? Faça sucessivamente perguntas como esta, sem deixar a sua atenção desviar-se e olhe o interior de sua mente, procurando ver isto. Se você não puder chegar a uma decisão clara ou se pensar que a mente é algo concreto e real com certas características, ou se você considerar que é uma vacuidade vazia com nada enfim.*

O que seria o extremo de concretude.

*Se você não puder chegar a uma decisão clara.* Primeiro ponto.

*Ou se pensar que a mente é algo concreto.* Isto seria o extremo de concretude.

*Ou se você considerar que é uma vacuidade com nada enfim.* Ou seja, é o extremo da nulidade.

*Ou se pensar que ela nunca existiu porque você não consegue localizá-la. Ou se pensar que existe claramente, assim: como que os outros não conseguem vê-la? Então continue a procurar e fazer mais perguntas a você mesmo.*

Porque todas estas alternativas são equivocadas, são alternativas de extremos.

*Então continue a procurar e fazer mais perguntas a você mesmo. Você não irá encontrar alguém que olha, ou algo que seja olhado, nem um olhador, nem alguém que seja visto.*

*Você não irá encontrar alguém que olha lá de dentro, ou algo que seja olhado, que você encontre algo que você veja, nem um olhador, nem alguém que seja visto.*

*Nada encontrar ao buscar ao analisar é como olhar o interior de uma esfera de espaço.*

Ou seja, uma esfera de espaço, olhamos ali dentro e não tem nada.

*E nada a ver. Esta é uma experiência de lucidez sem qualquer essência que possa ser identificada.*

Eu acho este exemplo...O buda aponta esse exemplo, eu acho ele muito maravilhoso. Aqui ele também está apresentado como se fosse muito simples, mas ele é muito maravilhoso. O Buda diz, por exemplo: daqui até aquela parede tem um espaço, eu chamo de espaço, porque eu não tenho nada dentro da minha mente que surja enquanto eu olho daqui até lá. Essa é a experiência. Ele está dizendo. Olhe como o interior de uma esfera de espaço, eu não vejo nada, mas o nada encontrar ali é a experiência da mente livre. Esta é a experiência de lucidez porque nós estamos lúcidos, mas não tem nenhum objeto, estamos simplesmente lúcidos na ausência de objetos.

*Esta é uma experiência de lucidez sem qualquer essência que possa ser identificada.*

Vocês imaginem, por exemplo, uma esfera muito ampla, como vocês estivessem num sonho à noite. Vocês estão num sonho a noite. Neste sonho vocês se veem em lótus. É um sonho talvez aterrorizante, porque vocês veem um espaço infinito em todas as direções. E vocês estão sozinhos neste espaço infinito. Esse espaço infinito é a consciência... Este espaço infinito não tem nenhum objeto. A percepção deste lugar infinito sem nenhum objeto é a experiência da mente sem objeto. Mas, ao mesmo tempo, ela está lúcida. Essa é a experiência mais próxima que pode ser descrita em termos grosseiros. Ela não é uma descrição perfeita porque a visão de um espaço infinito já está ligada a materialidade. Eu vou falar espaço na relação com objetos, ou seja, mesmo que não tenha nenhum objeto, eu chamo a ausência de objetos, eu chamo espaço. Mas, concretamente eu vou dizer que não há nada, nenhum objeto, justo porque dentro da minha mente não há nenhum objeto. Mas há lucidez.

*...nada a encontrar ou buscar e analisar é como olhar o interior de uma esfera de espaço e nada ver.*

É quando nós olhamos para dentro da mente e ela é totalmente aberta, receptiva, sem conteúdo.

*Essa é uma experiência de lucidez sem qualquer essência que possa ser identificada. É inexprimível. Além de pensamento. Ela não é algo a ser visto. É a união de vacuidade (que ali no caso é a ausência de qualquer sensorialidade), e luminosidade, como uma presença luminosa. E é lucidez imutável e nua. Além de qualquer objeto.*

Tem várias formas de apresentar isto, várias. Vou mencionar rapidamente aqui. Uma das formas é o som de Avalokitesvara. Se usa o sino. Se bate o sino e se diz: "preste atenção no som"... "Preste atenção no som"...[bllliiim] Só que o som do sino vai desaparecendo. O som vai diminuindo, o ouvido vai aguçando, o brilho da mente fica agudo, e o som cessa. Aí estamos na ausência de objeto, mas na experiência mesma da ausência de objeto, a mente está aguda. Esta agudez da mente é a experiência que ele está descrevendo. Uma lucidez imutável e nua. Aí nós descobrimos que esta lucidez está incessantemente presente. E por isso nós vemos a multiplicidade das aparências em todas as direções. E por isso a mente não dorme, porque a lucidez não dorme. *A lucidez imutável e nua, além de qualquer objeto.* Quando nós vemos isto como uma experiência estável...

*Quando isto surge como uma experiência estável. Quando isto é localizado como algo que não muda, incessantemente presente, então a instrução penetrou verdadeiramente em seu ser.*

Ai nós vimos a nossa face verdadeira. Então ele está olhando quem é o percebedor interno. O percebedor interno é esta lucidez nua, livre... Incessantemente presente. Está além do tempo.

Ele olhou o que são os aspectos externos, agora olhou quem é o percebedor interno, isto está dentro o primeiro aspecto que é visão. É como se o Buda, como Prahevajra, Garab Dorje, ele dá a instrução: visão, meditação, ação e fruição. Essa pertence à categoria de visão. Visão significa a clareza de como ver as múltiplas experiências. Essa parte de visão tem estes três aspectos. O primeiro é visão do mundo externo, depois visão do percebedor interno, e agora é o reconhecimento da visão do estado natural. Reconhecer a visão proveniente do estado natural.

### **3. Reconhecer a Visão Proveniente do Estado Natural**

---

O verso raiz diz:

*Clareza vazia.*

Ele acabou de introduzir a clareza vazia. Só que, eventualmente, olhamos esta clareza vazia como um objeto, [e daí] não estamos experimentando-a. Não é que a mente, Rigpa, veja a clareza vazia, ela não está vendo ainda, mas ela está introduzida, isto para nós são palavras. Precisariamos fazer um esforço contínuo até localizar isto. Até que esta clareza vazia fique tão nítida, e seja vista como algo que não flutua. Ela não precisa ser treinada, ela está lá. E ela está nas experiências comuns. Ela está em todas as experiências.

Este é o terceiro ponto, que é reconhecer a visão, lucidez, que brota do estado natural.

*Clareza vazia. Derradeiro Dorje Drolö.*

Esta clareza vazia, Rigpa, ela tem a capacidade de ver o aspecto, o surgimento das coisas tal como é. Na forma como estávamos olhando, isso seria Satti. Quando o Buda diz: "veja o corpo como corpo, veja as sensações como sensações", e assim ele vai olhando. Isso é a clareza vazia. Isso é Dorje Drolö, é aquele que vê, na própria aparência, o que aquilo é. Eu não preciso olhar o corpo como qualquer outra coisa que não o próprio surgimento que ele tem. Eu preciso olhar para ele como ele está. Como que nós vamos ver isto? Nós vamos ver isto com Rigpa. Isso é o derradeiro Dorje Drolö. Porque quando nós estamos no meio de uma atividade cármica, não olhamos deste modo, porque estamos olhando os significados construídos das coisas e assim nós jogamos o jogo correspondente. Por exemplo, se a filha pergunta "mamãe o que você acha do meu namorado?" Provavelmente não vai vir uma conclusão muito boa em relação ao namorado. Porque a mãe tem uma compreensão da vida, ela olha de uma forma além da paixão da filha. Aquilo é melhor não perguntar.

Aqui, se perguntar para o Buda, se perguntar para Dorje Drolö, o que ele acha? Dorje Drolö, para ser sincero, para começar, ele vai dizer: "bom, você que mesmo ouvir?" [risos] Daí...pfff!... evaporou aquilo. "E esta sala aqui?, Dorje Drolö, você dê sua opinião" Daí...ele dá uma olhada...pfff!...não vai sobrar nada. Por quê? Porque ele olha a construção daquilo. Porque nós estamos procurando um sentido último, sólido, para aquilo, e Dorje Drolö vai retirar isto, totalmente. Essa é a clareza vazia, é o olho...vocês imaginem assim: entrar numa floresta, encontrar um xamã, lá no fundo de uma caverna, daqueles que não tem nem olhos, daqueles que vê, porque ele vê. Daí perguntar para ele? Melhor não perguntar. Porque ele vai acabar com qualquer coisa, aquilo é certo. Isto é Dorje Drolö. Ele tem a clareza vazia. Vazia de qualquer condicionamento. Mas nós não queremos um conselho vazio de qualquer condicionamento, queremos um conselho dentro de nossos condicionamentos para ver como é que se chega na loucura que estamos buscando. A clareza vazia é um perigo, ela derrete o Samsara.

*Clareza vazia, derradeiro Dorje Drolö. Não é para ser buscado em nenhum outro lugar, mas aqui. Nesta lucidez nua e auto surgida. O grande senhor que permeia todo o Samsara e Nirvana. Ele é certamente alcançado nesta grande natureza primordial.*

Esta é a razão pela qual o darma, que são as coisas, enfim, a gente usa a mesma palavra para Dharma. Quando o olho lúcido vê as aparências que são darma, a lucidez correspondente também é chamada de Dharma. Esta é a prática do Buda,

*O grande senhor que permeia todo o Samsara e Nirvana é certamente alcançado nesta grande natureza primordial. Desse modo, você reconhece que a condição natural, ou estado natural da mente, está, e sempre tem estado vazio.*

Esse é um ponto delicado. Ou seja, se atingimos a realização da compreensão do percebedor interno, nós já estamos super adiantados, porque este percebedor interno, a gente descobre que é algo incessantemente presente, que não flutua. Rigpa. Aí ele diz.

*Deste modo, você reconhece que a condição natural, ou estado natural da mente, está, e sempre tem estado, vazio, livre de quaisquer ideias conceituais ou objetos percebidos ou sujeito que percebe. Primordialmente puro, além de palavras e pensamentos e expressão. Como a expressão natural da sabedoria de clareza irradiante incessantes. Está espontaneamente presente como o grande senhor que permeia todo o Samsara e Nirvana, o Heruka.*

Vocês imaginem. Um conselheiro raro de encontrar, que estão além de qualquer tipo de jogo que queiramos fazer e que vê as nossas ilusões com clareza. Porque simplesmente a mente não flutua, a mente é livre.

*Essas duas qualidades, pureza primordial (que de modo geral os tibetanos vão chamar de Khadag) e presença espontânea (que é chamado Lhundrup) sempre tem estado unidas. Elas são nomes que se dá a algo que não tem separação.*

Khadag e Lhundrup são nomes que se dá. Quando nós olhamos esta condição lúcida, primordial e vemos que não tem conteúdo, chamamos este fato de Khadag. Mas quando olhamos esta expressão lúcida e vemos que ela é não nascida, que ela não brota por condicionantes, chamamos isto de Lhundrup. Desse modo, tendo falado de Khadag e Lhundrup, estamos falando da mesma coisa, por isso ele, aqui, diz:

Essas duas qualidades tem estado unidas inseparavelmente no estado natural não condicionado.

Poderíamos dizer o contrário: no estado natural não condicionado, na sua ausência de condicionamento, eu chamo isto Khadag. E na sua ausência de surgimento e de cessação, eu chamo Lhundrup. Quando eu falo Khadag e Lhundrup eu estou me referindo ao mesmo estado não condicionado.

*Essa sabedoria nua, surgida naturalmente, que sempre tem sido clarificada como a realização naturalmente presente de Darmata.*

Essa lucidez, presente, sem objeto, clara, que é clarificada como a realização naturalmente presente de Darmata, é a visão. Aqui ele está apresentando o reconhecimento da visão do estado natural. O que é a visão? A visão é justamente essa presença.

*Essa sabedoria nua, surgida naturalmente, que sempre tem sido clarificada como a realização naturalmente presente de Darmata*

Darmata está presente. Com Darmata tem Khadag, Lhundrup. Vacuidade, luminosidade. Essa condição de Darmata, de vacuidade, luminosidade, é a base de Rigpa, é a base da visão da grande perfeição. E ela está além da mente ordinária. O que seria a mente ordinária? A mente ordinária é a visão a partir de condicionamentos. Aqui é a visão livre de condicionamentos.



*Você precisa atingi-la, reconhecendo-a tal como é.*

Este é o final da primeira parte. Da primeira parte, que é o reconhecimento da visão. Este reconhecimento da visão tem três partes: reconhecer a natureza dos objetos percebidos como externos; reconhecer a natureza da mente interna que percebe; e reconhecer a visão proveniente do estado natural. Nós completamos isto, estes três itens. Nós completamos o primeiro aspecto de reconhecer a visão.

Agora, [que] reconheceu a visão, tem ainda, mais três aspectos. O outro é trazer a visão ao coração através da meditação. Depois, como sustentar a continuidade em meio à ação. E ao final, como a fruição é atingida. O roteiro é essencialmente assim. Tem uma coisa preliminar, que é Shamata. Depois tem visão, meditação e ação. Mas é visão, meditação, ação e fruição. Agora, nós olhamos, desses quatro que é visão, meditação, ação e fruição, [até aqui] nós vimos visão. [Na sequência] ele vai ensinar como que se pratica isso, como que se contempla, como se chega nisso através da meditação.